

Clube de leitura como espaço de diversidade e inclusão na comunidade educativa do polo de Niterói

Gisett LARA
Luciano MARTINS

CEDERJ/UAB
CEDERJ
Niterói, BRASIL

Resumo.

Este trabalho tem como apresenta a experiência do *Clube de Leitura: Práticas Leitoras Decoloniais*, desenvolvido, inicialmente, com estudantes do curso de licenciatura em Pedagogia da Fundação CECIERJ/UAB e atualmente é integrado por estudantes de diferentes cursos de graduação. **Objetivo:** O projeto nasce da necessidade de fortalecer os vínculos entre professores tutores e estudantes, incorporando abordagens leitoras comprometidas com a inclusão, diversidade, acessibilidade, decolonialidade, justiça social e o enfrentamento das desigualdades estruturais. **Fundamentação:** Com base na pedagogia do afeto e na valorização de epistemologias anticapacitistas, feministas, afrocentradas, indígenas, dissidentes queer e trans, o clube propõe encontros predominantemente virtuais que ampliam o repertório crítico dos participantes e incentivam a leitura como prática ativa e emancipatória. **Metodologia:** A experiência se estrutura em dois momentos formativos: no primeiro semestre, com foco no pensamento negro e suas abordagens contra-hegemônicas; e centrado no pensamento indígena e suas contribuições para a construção de mundos plurais. No segundo semestre, o enfoque se concentra em autorias que abordam os considerados corpos dissidentes, ou seja, aqueles que resistem e desafiam as normas sociais de gênero, sexualidade, aparência e existência impostas pela sociedade. **Resultados:** Tal abordagem convida à ressignificação das formas de viver na contemporaneidade e à reimaginação das nossas relações comunitárias, afetivas e políticas. **Conclusão:** Ao aproximar estudantes de narrativas historicamente silenciadas e incentivar a produção textual autoral, o clube contribui para uma formação docente anticapacitista, antirracista, afetiva e engajada, democratizando o acesso ao conhecimento e valorizando saberes diversos e plurais.

Palavras-chave: Diversidade. Acessibilidade. Inclusão. Decolonialidade. Clube de Leitura.

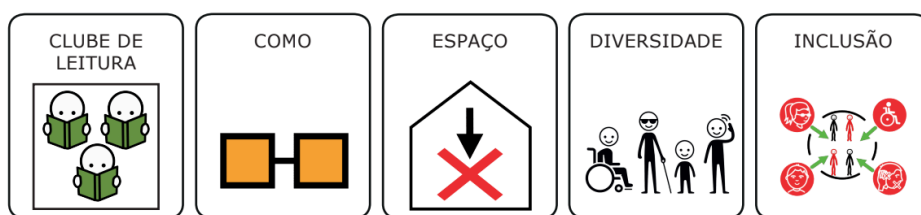
Resumo em Libras

(clique na janela abaixo para acessar o vídeo completo):



Resumo em CAA - Comunicação Aumentativa e Alternativa

(clique na imagem abaixo para acessar o arquivo completo):



Clube de Leitura como Espaço de Diversidade e Inclusão



na Comunidade Educativa do Polo de Niterói

1. Introdução

A educação superior, historicamente alicerçada em cânones eurocêntricos e patriarcais, tem o desafio contínuo de se reinventar para se tornar um espaço genuinamente democrático e inclusivo. Em um cenário de educação a distância (EAD), essa urgência se manifesta na necessidade de garantir que o acesso ao conhecimento transcenda as barreiras físicas e as normas sociais que historicamente marginalizaram grupos minorizados. Este relato de experiência visa apresentar e analisar o percurso do Clube de Leitura: Práticas Leitoras Decoloniais, um projeto concebido e desenvolvido inicialmente com estudantes do curso de licenciatura em Pedagogia da Fundação CECIERJ/UAB e, atualmente, expandido para estudantes de diferentes cursos de graduação. O projeto emerge como uma resposta à demanda por maior engajamento acadêmico e fortalecimento dos vínculos afetivos entre professores tutores e estudantes, mas se consolida como uma ferramenta pedagógica inovadora para o enfrentamento das desigualdades estruturais.

O Clube de Leitura não se limita à simples partilha de textos. Sua essência reside na incorporação de abordagens leitoras comprometidas com a inclusão, a diversidade, a acessibilidade e a decolonialidade, buscando a justiça social e o questionamento do capacitismo, racismo e cisheteronormatividade. Conforme conceitua Quijano (2000) urge a necessidade de descolonizar a sociedade para construir um Estado-nação democrático e superar a colonialidade do saber e do ser. Além disso, ele se fundamenta na pedagogia do afeto, valorizando epistemologias feministas, afrocentradas, indígenas, e dissidentes queer e trans como chaves para a compreensão e desconstrução de um mundo excludente. A experiência busca demonstrar como um ambiente virtual, quando intencionalmente projetado para a acessibilidade, pode se tornar uma poderosa ferramenta de democratização do conhecimento e de valorização de saberes plurais.

A literatura, nesse contexto, assume uma função crítica e transformadora. Conforme aponta a educadora e pesquisadora Débora Diniz (2007), a inclusão não se trata apenas de inserir indivíduos em espaços pré-existentes, mas de transformar a própria estrutura desses espaços para que eles sejam capazes de acolher a diversidade em sua plenitude. Em consonância com esse pensamento, o Clube de Leitura opera como um laboratório social onde a desconstrução de preconceitos, incluindo o capacitismo, é uma prática constante. A luta anticapacitista, por sua vez, ecoa na valorização da diversidade corporal e cognitiva como um aspecto natural da humanidade, em oposição à ideia de um corpo padrão.

Dessa forma, o presente trabalho busca relatar a experiência do Clube de Leitura, destacando como o formato virtual e as estratégias de acessibilidade se alinham à abordagem decolonial para criar um espaço de pertencimento e reflexão crítica. O relato

também delimita o problema de como construir, no contexto da EAD, um ambiente pedagógico que não apenas aceite a diversidade, mas a utilize como motor de aprendizagem e de transformação social. O objetivo principal deste trabalho é evidenciar a potencialidade do Clube de Leitura como um projeto pedagógico emancipatório e humanizador que contribui para uma formação discente anticapacitista, antirracista, afetiva e engajada.

A acessibilidade, no entanto, vai muito além da eliminação de barreiras geográficas. O projeto tem se dedicado à adaptação intencional dos materiais de leitura para garantir que a experiência seja acessível a todos os membros. No caso de participantes com baixa visão, por exemplo, os textos são adaptados para oferecer um contraste mais potente, fontes maiores e de fácil leitura, e cores que garantam a visibilidade. Essas pequenas, mas significativas, adaptações são cruciais para que a leitura, que é a base do projeto, não se torne um obstáculo. A equipe também se prepara continuamente para a inclusão futura de estudantes cegos e surdos, com um plano de ação para incorporar a audiodescrição e a interpretação em Libras, demonstrando um compromisso proativo com a inclusão.

A pedagogia do afeto, outro pilar do projeto, é a ferramenta que permite que os participantes se sintam acolhidos e seguros para compartilhar suas experiências e perspectivas. É essa base de confiança que encoraja a participação de estudantes, incluindo os autistas, que encontram no clube um espaço de escuta e expressão livre de julgamentos. O projeto se baseia na compreensão de que a construção do conhecimento é um processo coletivo e horizontal, onde a voz de cada indivíduo é valorizada.

Temáticas e a Descolonização dos Corpos e Afetos

O percurso do Clube de Leitura é guiado por uma abordagem temática que busca confrontar as epistemologias hegemônicas. No primeiro momento formativo, o foco se concentrou no pensamento negro e suas abordagens contra-hegemônicas, explorando autores que questionam a centralidade da cultura e do conhecimento ocidental. Em seguida, as discussões se voltaram para o pensamento indígena, trazendo à tona as contribuições para a construção de mundos plurais e a ressignificação das relações com a natureza e o outro.

No segundo semestre, o enfoque se concentrou em autorias que abordam os chamados "corpos dissidentes" – aqueles que, por sua existência, desafiam as normas sociais de gênero, sexualidade, aparência e existência impostas pela sociedade. Nesse percurso, as reflexões de autores como Lia Crespo sobre a luta e o combate à discriminação contra pessoas com deficiência ganham destaque. Ao abordarem o reconhecimento da diversidade corporal como norma e a promoção da igualdade, da dignidade e da autonomia cidadã, especialmente das Pessoas com Deficiência (PCD), esses pensadores contribuem

diretamente para a desconstrução do capacitismo. O clube de leitura, ao promover a leitura desses textos, cria um espaço para que os participantes confrontem seus próprios preconceitos e ressignifiquem a sua visão sobre a deficiência, percebendo-a não como uma limitação, mas como uma forma de ser e de existir. O projeto, ao aproximar estudantes de narrativas historicamente silenciadas e incentivar a produção textual autoral, contribui para uma formação acadêmica que vai além dos currículos tradicionais. Ele se posiciona como um espaço de resistência e de esperança, onde a leitura é uma prática ativa e emancipatória.

2. Metodologia

O Clube de Leitura: Práticas Leitoras Decoloniais se estrutura em encontros predominantemente virtuais, realizados de forma quinzenal, através de plataformas de videoconferência. Essa escolha metodológica é resultante de uma decisão estratégica para a promoção da acessibilidade e inclusão. O formato online se mostrou fundamental para mitigar as barreiras de deslocamento que muitas vezes inviabilizam a participação de estudantes, especialmente aqueles com deficiência física. Para esses participantes, a possibilidade de se engajar ativamente em discussões acadêmicas a partir de suas casas, sem a necessidade de locomoção, se traduz em autonomia e equidade.

3. Resultados e Discussão

Neste trabalho, buscou-se compartilhar a experiência do Clube de Leitura como Espaço de Diversidade e Inclusão na Comunidade Educativa do Polo de Niterói mostra-se como um potente laboratório de inclusão, cujos resultados transcendem a mera leitura e o debate de textos. O formato virtual, inicialmente adotado por questões de logística, consolidou-se como um pilar fundamental para a acessibilidade. A eliminação das barreiras de deslocamento para os estudantes com deficiência física não apenas facilitou sua participação, mas também contribuiu para a sua autonomia e empoderamento, mostrando que a educação pode e deve se adaptar às necessidades dos indivíduos, e não o contrário. Igualmente, as adaptações nos materiais de leitura para os participantes com baixa visão reforçam o compromisso do projeto com a acessibilidade como uma prática contínua e intencional. Nesse sentido, Diniz (2012, p. 8) destaca que o que existe são contextos sociais pouco sensíveis à compreensão da diversidade corporal como diferentes estilos de vida

Ademais, a adoção de uma abordagem decolonial, por sua vez, demonstrou ser uma ferramenta poderosa para a desconstrução de preconceitos. Ao debater obras que desafiam o pensamento hegemônico (negro, indígena e corpos dissidentes), o clube proporcionou um

ambiente de reflexão crítica que levou os participantes a questionar suas próprias visões de mundo. A discussão sobre o capacitismo, em particular, abriu caminhos para a compreensão da diversidade corporal e necessidades específicas como algo natural, e não como uma limitação a ser superada.

Em síntese, o principal resultado do projeto, no entanto, é de ordem qualitativa e afetiva. A pedagogia do afeto permitiu a criação de um espaço seguro, suportivo e acolhedor onde os participantes puderam compartilhar suas vivências e construir vínculos. Cabe destacar que o trabalho colaborativo dos estudantes, especialmente daqueles com deficiência, ao compartilhar suas experiências e percepções, foi fundamental para a existência e atuação do clube. As contribuições e reflexões trouxeram um repertório inestimável para as discussões, comprovando que a inclusão não se trata apenas de ter um lugar na mesa, mas de haver escuta ativa, atenta e empática. A experiência reforça a ideia de que a educação como prática social, quando pautada no afeto e na diversidade, se torna mais rica, significativa e capaz de formar pessoas mais sensíveis, engajados e conscientes das complexidades do mundo.

3.1. Figuras



Figura 1 – Arte de divulgação do Clube de Leitura: Práticas Leitoras Decoloniais.

Fonte: “Dos autores”.

Descrição da imagem: “Arte construída por meio de colagem de figuras no Canvas. Na imagem, há presença de diferentes

autorias como as escritoras negras brasileiras Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Barbara Carine, a escritora indígena Gení Ñunez; o escritor indígena Ailton Krenak; a escritora negra estadunidense bell Hook e por fim, a escritora não-binária Jota Mombaça. Num fundo rosa claro, com figuras de flores e letras na cor lilás sobre o nome do clube.” Fim da descrição.



Figura 2 – Arte de divulgação do Clube de Leitura: Práticas Leitoras Decoloniais, com informação de inscrição e QR Code.

Fonte: “Dos autores”.

Descrição da imagem: “Arte construída por meio de colagem de figuras no Canvas. Na imagem, há presença de diferentes autorias como as escritoras negras brasileiras Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Barbara Carine, a escritora indígena Gení Ñunez; o escritor indígena Ailton Krenak; a escritora negra estadunidense bell Hook e por fim, a escritora não-binária Jota Mombaça. Num fundo rosa claro, com figuras de flores e letras na cor lilás sobre o nome do clube.” Fim da descrição.

4. Conclusão

A experiência do Clube de Leitura: Práticas Leitoras Decoloniais demonstra a potência da educação como ferramenta de transformação social, mesmo em um ambiente virtual. O projeto, ao adotar a decolonialidade como metodologia e a acessibilidade como princípio, prova que é possível criar comunidades de aprendizagem genuinamente inclusivas. A

eliminação das barreiras físicas do deslocamento e a adaptação dos materiais de leitura são práticas que, além de garantir o acesso, enviam uma mensagem clara de que a diversidade é bem-vinda e valorizada.

O projeto contribui para uma formação discente/docente que se opõe ao capacitismo e ao racismo, forjando profissionais mais sensíveis e preparados para enfrentar as complexidades do mundo contemporâneo. Ao valorizar saberes diversos e plurais, o clube democratiza o acesso ao conhecimento e ressignifica o papel da universidade, que passa a ser um espaço de diálogo, afeto e construção coletiva. A experiência vivenciada reforça a necessidade de se criar mais espaços como esse, onde a leitura não é um ato solitário, mas uma jornada comunitária e emancipadora, em que cada voz é uma peça fundamental para a construção de um futuro mais justo e igualitário.

Agradecimentos

Este projeto não teria se concretizado sem o apoio e a dedicação de muitas pessoas. Gostaríamos de expressar nossa profunda gratidão aos estudantes/membros do Clube de Leitura: Práticas Leitoras Decoloniais. Em particular, agradecemos aos estudantes com deficiência, cuja colaboratividade, interesse genuíno em participar deste projeto e o compartilhamento de suas trajetórias, histórias e vivências inspiradoras enriqueceram cada encontro e transformaram o clube em um espaço de verdadeira troca e aprendizado.

Agradecemos ao Polo de Niterói, cujo apoio inestimável foi fundamental em todas as etapas, desde a idealização até a realização deste clube de leitura. Acreditamos que a parceria entre a comunidade acadêmica e a instituição é essencial para o desenvolvimento de iniciativas que promovem a inclusão e a diversidade

Referências Bibliográficas

CRESPO, Lia. **Capacitismo e microagressão: a cultura do mimimi vai alcançar as pessoas deficientes?** São Paulo. Vida Destra, 2021.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

NÚÑEZ, Geni. **Descolonizando os afetos**. Disponível em: [Endereço Web]. Acesso em: 10 ago. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2017.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad y (de)colonialidad en la educación**. Revista Qilqay, n. 1, 2012
